

# Bloco Ilê Aiyê, que renovou o Carnaval em Salvador, foi chamado de racista após primeiro desfile

Antropólogo francês Michel Agier conta a história do grupo surgido em 1974, que se tornou um empreendimento social e cultural referência no Brasil

Por *Diego Viana*

Valor, 03/11/2024

Em novembro de 1974, um grupo de jovens do Curuzu, em Salvador, fundou um bloco que renovaria o Carnaval da cidade. Nas décadas seguintes, cresceria para se tornar um empreendimento social e cultural que é referência em todo o Brasil. O Ilê Aiyê, considerado o primeiro bloco afro do Brasil e ancestral da axé music, foi cantado por Gilberto Gil, Alcione e Daniela Mercury e influenciou a constituição de grupos como Olodum e Timbalada.

Contudo, a trajetória do grupo transborda em muito a folia de fevereiro, já que constitui um pilar da vida cultural da capital baiana e um marco do movimento negro brasileiro. Essa é a história que o antropólogo francês Michel Agier relata no livro “Ilê Aiyê: A fábrica do mundo afro”. Trata-se da segunda versão, atualizada, de um trabalho publicado originalmente na França em 2000, com um título mais formal e palatável à sensibilidade europeia: “Antropologia do Carnaval: A cidade, a festa e a África na Bahia”.

Contrariando o título francês, o livro não é só uma antropologia do Carnaval. Em cidades de forte tradição momesca, como Salvador, Rio de Janeiro ou Olinda, é de esperar que a formação de cordões, a fabricação de fantasias, a composição das músicas e os desfiles sejam vetores de relações sociais mais amplas. Com efeito, Agier procura mostrar como a história do grupo baiano condensa “as mudanças sociais, as relações raciais e as transformações da cultura afro-brasileira”.

Nesse contexto, o Ilê Aiyê talvez seja a expressão mais completa do entrelaçamento entre Carnaval, sociedade e política no último meio século. Hoje, os mecanismos da discriminação racial brasileira são assunto corrente, objetos de políticas públicas, temas de teses acadêmicas e debates eleitorais. Muito do que o Ilê Aiyê trouxe à tona se tornou quase evidente. É fácil perder de vista o impacto que o bloco causou quando foi às ruas no Carnaval de 1975, em plena ditadura militar.

No dia seguinte ao primeiro desfile, que contou com não mais que 15 instrumentos e uma centena de foliões, um jornal estampou uma crítica ácida, apelidando o Ilê Aiyê de “bloco do racismo”, devido aos cartazes que falavam em “mundo negro” e aos versos de Paulinho Camafeu que se tornariam famosos: “Branco, se você soubesse o valor que o negro tem / tomava banho de pixe e ficava preto também”.

Como aponta Michel Agier, a crítica da imprensa se baseava na antiga crença da democracia racial brasileira, afirmando-a explicitamente: “Não temos problema racial”. O rápido sucesso do novo bloco entre os jovens negros de Salvador seria, por esse prisma, um desmentido autoevidente.

Em outras palavras, o tom assertivo do desfile mostra um Carnaval que é mais do que a “alegria fugaz” e “ofegante epidemia” de que fala Chico Buarque, ou seja, o breve instante em que a ordem do mundo se inverte. O que esse Carnaval procura é criar um mundo perene com sua própria ordem.

É assim que Agier interpreta a frase “nós somos os africanos na Bahia”, que encimava o estandarte do bloco em 1975: trata-se de criar seu próprio mundo. Com efeito, a tradução do nome do grupo, de acordo com seus criadores, é “mundo negro” - o Aiê, entre os iorubás do Benin e da Nigéria, designa o mundo dos vivos, por oposição ao Orum dos orixás.

Sendo um trabalho de antropologia, o texto reflete os enquadramentos metodológicos característicos da produção científica. Ainda assim, a linguagem e a organização dos capítulos permitem que o livro seja lido quase como uma reportagem e um registro histórico.

O antropólogo relata que seu interesse pela Bahia nasce de estudos anteriores realizados na costa ocidental da África, nos países de onde saíram milhões de pessoas para o trabalho forçado nas Américas. Para realizar a pesquisa, Agier viveu sete anos na Bahia, dois dos quais no bairro da Liberdade. Na ladeira do Curuzu, frequentou o terreiro Ilê Axé Jitolu, de mãe Hilda Jitolu, onde o bloco foi criado. Ali, conviveu também com Antonio Carlos dos Santos (o Vovô), Apolônio Souza de Jesus Filho (o Popó) e o poeta Jônatas Conceição.